

PRIMEIRO ATO

A Cidade dos Malditos

Um escritor nunca esquece a primeira vez em que aceita algumas moedas ou um elogio em troca de uma história. Nunca esquece a primeira vez em que sente o doce veneno da vaidade no sangue e começa a acreditar que, se conseguir disfarçar sua falta de talento, o sonho da literatura será capaz de garantir um teto sobre sua cabeça, um prato quente no final do dia e aquilo que mais deseja: seu nome impresso num miserável pedaço de papel que certamente vai viver mais do que ele. Um escritor está condenado a recordar esse momento porque, a partir daí, ele está perdido e sua alma já tem um preço.

Minha primeira vez chegou num dia distante de dezembro de 1917. Tinha na época 17 anos e trabalhava em *La Voz de la Industria*, um jornal decadente que definhava num edifício cavernoso que, em tempos passados, tinha abrigado uma fábrica de ácido sulfúrico e cujas paredes ainda transpiravam aquele vapor corrosivo que consumia o mobiliário, a roupa, o ânimo e até a sola dos sapatos. A sede do jornal ficava atrás do bosque de anjos e cruzes do cemitério de Pueblo Nuevo e, de longe, a silhueta do edifício se confundia com a dos mausoléus, recortando-se contra um horizonte espetado por centenas de chaminés e fábricas que teciam um crepúsculo vermelho e negro estendido perpetuamente sobre Barcelona.

Na noite que mudaria o rumo de minha vida, o subdiretor do jornal, dom Basilio Moragas, achou por bem convocar-me, um pouco antes do fechamento da edição, ao cubículo escuro e encravado no fundo da redação, que fazia as vezes de escritório e de área para fumantes de charutos havana. Dom Basilio era um homem de aspecto feroz e bigode farto que não estava para brincadeiras e adotava a teoria de que tanto o uso liberal de advérbios quanto o excesso de adjetivos eram coisa de pervertidos e de gente com deficiências vitamínicas. Quando descobria um redator inclinado à prosa mais floreada, tratava de transferi-lo para a redação de obituários por três semanas. Se, depois do castigo, o indivíduo reincidisse, dom Basilio o mandava para a seção de prendas do lar para todo o sempre. Todos tínhamos pavor dele, e ele sabia disso.

— Mandou me chamar, dom Basilio? — arrisquei timidamente.

O subdiretor me olhou de canto de olho. Entrei no escritório, que cheirava a suor e tabaco, nessa ordem. Dom Basilio ignorou minha presença e continuou revisando um dos artigos que estavam na escrivania, lápis vermelho em punho.

Durante alguns minutos, o subdiretor metralhou o texto, corrigindo, quando não amputando, e resmungando como se eu não estivesse ali. Sem saber o que fazer, vi que havia uma cadeira encostada na parede e fiz menção de sentar.

— Quem disse que podia se sentar? — murmurou dom Basílio, sem levantar os olhos do texto.

Levantei apressadamente e contive a respiração. O subdiretor suspirou, deixou cair o lápis vermelho e reclinou-se em sua poltrona para examinar-me como se eu fosse um traste imprestável.

— Me disseram que você escreve, Martín.

Engoli em seco e quando abri a boca, só o que saiu foi um ridículo fio de voz.

— Bem, um pouco, quer dizer, não sei... ou seja, sim, escrevo...

— Espero que escreva melhor do que fala. Mas escreve o quê, se não for demais perguntar?

— Histórias policiais. Quero dizer..

— Já peguei a idéia.

O olhar com que dom Basílio me brindou é indescritível. Se eu tivesse dito que me dedicava a fazer figurinhas de presépio com esterco fresco teria obtido o triplo de entusiasmo. Suspirou de novo e deu de ombros.

— Vidal diz que o senhor não é de todo mau. Que se destaca do resto. Claro que, com a competência que se vê por essas bandas, também não é preciso ser grande coisa. Mas se Vidal falou.

Pedro Vidal era a estrela literária de *La Voz de la Industria*. Escrevia uma crônica semanal na editoria de polícia, que constituía a única coisa que merecia ser lida em todo o jornal, e era autor de uma dezena de livros de suspense sobre gângsteres do bairro do Raval vivendo em promiscuidade com damas da alta sociedade, os quais lhe garantiram uma modesta notoriedade. Metido invariavelmente em impecáveis ternos de seda e reluzentes mocassins italianos, Vidal tinha os traços e os gestos de um galã de sessão da tarde: cabelo louro sempre bem penteado, bigode espetado e o sorriso fácil e generoso de quem se sente bem na própria pele e no mundo. Provinha de uma dinastia de imigrantes que tinha feito fortuna nas Américas com negócios de açúcar e que, na volta à Espanha, tinha cravado os dentes numa suculenta fatia do plano de eletrificação da cidade. Seu pai, o patriarca do clã, era um dos acionistas majoritários do jornal, e dom Pedro usava a redação como pátio de recreio para matar o tédio de nunca, nem um único dia de sua vida, ter trabalhado por necessidade. Pouco importava que o diário perdesse tanto dinheiro quanto os automóveis que começavam a circular pelas ruas de Barcelona perdiam óleo: com abundância de títulos de

nobreza, a dinastia dos Vidal dedicava-se agora a colecionar bancos e mansões do tamanho de pequenos principados no Ensanche.

Pedro Vidal foi a primeira pessoa a quem mostrei os esboços que escrevia quando era apenas um menino e trabalhava entregando café e cigarros na redação. Sempre teve tempo para mim, para ler meus escritos e dar bons conselhos. Com o tempo, chamou-me para ser seu assistente e permitia que datilografasse seus textos. Certo dia anunciou que, se queria mesmo apostar meu destino na roleta-russa da literatura, estava disposto a me ajudar e a guiar meus primeiros passos. Fiel à palavra dada, tinha me jogado nas garras de dom Basilio, o cão de guarda do jornal.

— Vidal é um sentimental que ainda acredita em lendas profundamente antiespanholas, como a meritocracia, e em dar oportunidade a quem merece e não ao apadrinhado da vez. Rico como é, pode dar uma de lírico pelo mundo afora. Se tivesse um centésimo da grana que sobra para ele, teria me dedicado a escrever sonetos, e os passarinhos viriam comer na minha mão, fascinados por minha bondade e meu encanto.

— O sr. Vidal é um grande homem — protestei eu.

— É mais do que isso. É um santo porque, apesar dessa sua pinta de morto de fome, há semanas que ele me aporrinha com exemplos de como é talentoso e trabalhador o caçula da redação. Ele sabe que, no fundo, sou um sentimental e, além do mais, garantiu que, se eu lhe der uma oportunidade, ele me dará uma caixa de havanas. E se Vidal pede, para mim é como se Moisés descesse do monte Sinai com os Dez Mandamentos numa mão e a verdade revelada na outra. De modo que, concluindo, como é Natal e para que seu amigo feche a porra da matraca de uma vez por todas, vou convidá-lo para estrear como os heróis: contra a corrente dos ventos e das marés.

— Muitíssimo obrigado, dom Basilio. Garanto que não vai se arrepender de...

— Menos, meu caro. Vejamos o que pensa do uso generoso e indiscriminado de advérbios e adjetivos...

— Que é uma vergonha e deveria ser crime previsto no código penal — respondi com a convicção de um crente militante.

Dom Basilio concordou com entusiasmo.

— Muito bem, Martín. Tem prioridades claras. Os que sobrevivem nessa profissão são os que têm prioridades e não os que têm princípios. Eis o plano. Pode sentar e trate de entender, pois não vou repetir duas vezes.

O plano era o seguinte. Por motivos que dom Basilio não considerou oportuno esclarecer, a última página da edição dominical, tradicionalmente reservada para um relato literário ou de viagem, tinha caído na última hora.

Tratava-se de uma narrativa de índole patriótica e inflamado lirismo sobre a saga dos almogaves, na qual, canção vai, canção vem, eles salvam a cristandade e tudo o que há de decente sob o céu, a começar pela Terra Santa e a terminar pelo delta do Llobregat. Lamentavelmente, o texto não chegou a tempo ou, suspeitava eu, Basílio não tinha a menor vontade de publicá-lo. Isso nos deixava a seis horas do fechamento e sem nenhum outro candidato para substituir o conto senão um anúncio de página inteira de uma marca de cintas feitas de osso de baleia, que prometiam quadris de sonho e imunidade às macarronadas. Diante do dilema, o conselho editorial determinou que estufássemos o peito e convocássemos os talentos literários que brotavam em todos os cantos da redação, a fim de tapar o buraco e ocupar as quatro colunas com um texto de interesse humano, para o deleite de nossa leal audiência familiar. A lista de talentos comprovados disponíveis era composta de dez nomes, nenhum dos quais, é claro, era o meu.

— Amigo Martín, as circunstâncias conspiraram para que nenhum dos paladinos da lista esteja aqui de corpo presente ou possa ser localizado numa margem de tempo prudente. Diante do desastre iminente, resolvi lhe dar uma oportunidade.

— Conte comigo.

— Conto com cinco laudas em espaço duplo, antes das seis horas, dom Edgar Allan Poe. Traga uma história, não um discurso. Se quisesse um sermão, iria à missa do galo. Traga uma história que não tenha lido antes ou, se já tiver lido, que venha tão bem escrita que eu nem perceba.

Já ia sair correndo, quando dom Basílio levantou, rodeou a escrivainha e apoiou sua mão, do tamanho e do peso de uma bigorna, no meu ombro. Só então, ao vê-lo de perto, percebi que seus olhos sorriam.

— Se a história for decente, pagarei dez pesetas. E se for mais que decente e agradar aos leitores, publicarei outras.

— Alguma indicação específica, dom Basílio? — perguntei.

— Sim: não me decepcione.

Passei as seis horas seguintes em transe. Instalei-me na mesa que ficava bem no meio da redação, reservada para os dias em que Vidal cismava de passar um tempinho no jornal. A sala estava deserta e mergulhada numa penumbra feita com a fumaça de dez mil charutos. Fechei os olhos um instante e invoquei uma imagem: um manto de nuvens negras derramando-se sobre a cidade em forma de chuva, um homem que caminhava buscando a sombra, com sangue nas mãos e um segredo no olhar. Não sabia quem era nem do que fugia mas durante as

seis horas seguintes, ia se transformar no meu melhor amigo. Enfiei uma folha na máquina e, sem trégua, comecei a despejar tudo o que tinha dentro de mim. Lutei com cada palavra, cada frase, cada lance, cada imagem e cada letra como se fossem os últimos que jamais escreveria. Escrevi e reescrevi cada linha como se minha vida dependesse daquilo e, depois, reescrevi de novo. Toda a companhia que tinha era o eco incessante do teclado, perdendo-se na sala escura, e o grande relógio da parede esgotando os minutos que restavam até o amanhecer.

Pouco antes das seis da manhã, arranquei a última folha da máquina e suspirei derrotado e com a sensação de ter um vespeiro no cérebro. Ouvi os passos lentos e pesados de dom Basilio saindo de uma de suas sextas com hora marcada e aproximando-se lentamente. Juntei as páginas e entreguei a ele, sem me atrever a enfrentar seu olhar. Dom Basilio escolheu uma das mesas próximas, sentou e acendeu a lâmpada. Seus olhos deslizaram para cima e para baixo sobre o texto, sem deixar transparecer nenhuma emoção. Então, largou o charuto sobre a ponta da mesa por um instante e, olhando para mim, leu em voz alta a primeira linha.

— “Cai a noite sobre a cidade e as ruas carregam o cheiro de pólvora como o hálito de uma maldição.”

Dom Basilio me olhou de esguelha e eu me escudei num sorriso que deixava todos os dentes à mostra. Sem dizer nada, levantou e partiu com meu conto nas mãos. Vi que caminhava até o escritório e fechava a porta depois de entrar. Fiquei petrificado, sem saber se devia sair correndo ou esperar o veredicto de morte. Dez minutos depois, que para mim foram dez anos, a porta do escritório do subdiretor se abriu e a voz retumbante de dom Basilio se fez ouvir em toda a redação.

— Martín. Faça o favor de vir aqui.

Arrastei-me tão lentamente quanto pude, encolhendo vários centímetros a cada passo, até que não tive outro remédio senão meter a cara e levantar os olhos. Dom Basilio, o temível lápis vermelho em riste, me olhava friamente. Quis engolir saliva, mas tinha a boca seca. Dom Basilio pegou as laudas e devolveu. Agarrei-as e dei meia-volta rumo à porta tão rápido quanto pude, pensando que sempre haveria lugar para mais um engraxate na recepção do hotel Colón.

— Leve isso para a gráfica e mande rodar — disse a voz às minhas costas.

Virei, pensando que era objeto de uma brincadeira cruel; dom Basilio abriu a gaveta da escrivaninha, contou dez pesetas e colocou-as sobre a mesa.

— Isso é seu. Sugiro que compre outro terno, pois faz quatro anos que o vejo por aí com esse que, ainda por cima, é seis números maior que você. Se

quiser, procure o sr. Pantaleoni na alfaiataria da rua Escudellers e diga que fui eu quem mandou. Vai tratá-lo bem.

— Muito obrigado, dom Basilio. É o que farei.

— E vá preparando outra história como essa. Vou lhe dar uma semana para isso. Mas não durma no ponto. E vamos ver se bota menos mortos, que o leitor de hoje gosta de um final bem meloso, em que a grandeza do espírito humano triunfa e outras baboseiras mais.

— Sim, dom Basilio.

O subdiretor deu como aceita a instrução e estendeu a mão. Apertei-a.

— Bom trabalho, Martín. Segunda-feira quero vê-lo na mesa que era do Junceda e que agora é sua. Vou colocá-lo na editoria de polícia.

— Não vou desapontá-lo, dom Basilio.

— Não, não vai. Mas cedo ou tarde me deixará na mão. E fará bem, pois não é um jornalista e nunca será. Mas também não é um escritor de romances policiais, embora pense que sim. Fique por aqui uma temporada e poderemos lhe ensinar duas ou três coisas que nunca serão demais.

Naquele momento, com a guarda baixa, fui invadido por um sentimento de gratidão tão grande que tive vontade de abraçar aquele homenzarrão. Dom Basilio, a máscara feroz de volta ao lugar, cravou-me um olhar de aço e indicou a porta.

— Nada de cenas, por favor. Feche quando sair. Por fora. E feliz Natal.

— Feliz Natal.

Na segunda-feira seguinte, quando cheguei à redação disposto a ocupar pela primeira vez a minha própria escrivaninha, encontrei um envelope de papel pardo com um laço e meu nome no mesmo tipo que vinha datilografando há anos. Abri e encontrei a última página do jornal de domingo, com minha história marcada e um bilhete que dizia:

“Isso é só o começo. Em dez anos, eu serei o aprendiz e você, o mestre. Seu amigo e colega, Pedro Vidal.”

2

Minha estréia na literatura sobreviveu ao batismo de fogo, e dom Basilio, fiel à sua palavra, realmente me deu a oportunidade de publicar mais um ou dois contos de perfil semelhante. Logo depois, a diretoria resolveu que minha fulgurante carreira teria periodicidade semanal, desde que continuasse a desempenhar

pontualmente minhas tarefas na redação e, pelo mesmo preço, claro. Intoxicado de vaidade e cansaço, passava meus dias revisando os textos dos colegas e redigindo incontáveis colunas de crimes e horrores. Em seguida, reservava as noites para escrever, sozinho na sala da redação, o folhetim bizantino e operístico que acalentava há tempos na imaginação e que, sob o título de *Os Mistérios de Barcelona*, misturava despidoradamente de Dumas até Stoker, passando por Sue e Féval. Dormia umas três horas por dia e ostentava a aparência de quem passava as noites num caixão. Vidal, que nunca conheceu essa fome que nada tem a ver com o estômago e que devora a pessoa por dentro, achava que eu estava queimando os miolos e que, no ritmo em que ia, celebraria meu próprio funeral antes dos 20 anos. Dom Basílio, que não se escandalizava com tanto esforço, tinha outras reservas. Publicava cada episódio muito a contragosto, incomodado pelo que considerava uma patologia excessiva e um aproveitamento infeliz de meu talento a serviço de argumentos e tramas de gosto muito duvidoso.

Os Mistérios de Barcelona trouxeram à luz uma pequena estrela da ficção em capítulos, uma *femme fatale* imaginada como só se é capaz de fazê-lo aos 17 anos. Minha heroína, Chloé Permanyer, era a princesa soturna de todas as vampiras. Muito inteligente e ainda mais complicada, Chloé Permanyer fazia questão de usar o que havia de mais incendiário e requintado em matéria de lingerie e atuava como amante e mão esquerda do enigmático Baltasar Morel, cérebro do submundo que vivia numa mansão subterrânea povoada de robôs e relíquias macabras, cuja entrada secreta ficava nos túneis escavados sob as catacumbas do Bairro Gótico. O método preferido de Chloé para liquidar suas vítimas era seduzi-las com uma dança hipnótica, despindo-se lentamente de todos os seus adornos para, em seguida, beijá-las com um batom envenenado que paralisava todos os músculos do corpo e as matava asfixiadas, em silêncio, enquanto ela as fitava, olhos nos olhos. Para proteger-se, bebia previamente um antídoto dissolvido em champanhe Dom Pérignon da mais fina reserva. Chloé e Baltasar tinham seu próprio código de honra: só liquidavam a escória, limpando o mundo de fanfarrões, vermes, falsos santos, fanáticos, dogmáticos sinistros e todo tipo de cretinos que faziam deste mundo um lugar ainda mais miserável, em nome de bandeiras, deuses, línguas, raças ou todo tipo de lixo que usavam para mascarar sua cobiça e sua mesquinhez. Para mim, eles eram heróis heterodoxos, como todos os heróis de verdade. Para dom Basílio, cujos gostos literários tinham se aposentado na idade de ouro da poesia espanhola, aquilo não passava de um disparate colossal. No entanto, diante da boa acolhida que

as histórias tiveram e do afeto que, mesmo contra a vontade, sentia por mim, tolerava minhas extravagâncias, atribuindo-as a um excesso de ardor juvenil.

— Você tem mais habilidade do que bom gosto, Martín. A patologia que o aflige tem nome e esse nome é *grand guignol*, que está para o drama assim como a sífilis está para as vergonhas. Obtê-la talvez seja prazeroso, mas daí em diante, tudo desliza ribanceira abaixo. Deveria ler os clássicos, ou pelo menos dom Benito Pérez Galdós, para elevar suas aspirações literárias.

— Mas os leitores gostam dos meus contos — argumentava eu.

— E o mérito não é seu. É da concorrência, que é tão daninha e pedante que seria capaz, em um único parágrafo, de deixar até um burro em estado catatônico. Vamos ver se amadurece de uma vez por todas e cai da árvore do fruto proibido.

Eu concordava fingindo arrependimento, mas acariciava secretamente aquelas palavras proibidas, *grand guignol*, dizendo a mim mesmo que toda causa, por mais frívola que seja, necessita de um campeão que defenda sua honra.

Estava começando a me sentir o mais feliz dos mortais, quando descobri que alguns colegas do jornal estavam incomodados porque o caçula e mascote oficial da redação tinha começado a dar seus primeiros passos no mundo das letras, enquanto suas próprias aspirações e ambições literárias murchavam há anos num limbo cinzento de esquecimento. O fato de que os leitores do jornal lessem avidamente e apreciassem aqueles modestos relatos, mais do que qualquer outra matéria impressa pelas rotativas nos últimos vinte anos, só piorava as coisas. Em algumas semanas, vi que o orgulho ferido das pessoas que há tão pouco tempo eu considerava como minha única família era capaz de transformá-las num tribunal hostil, que me negava a palavra ou mesmo um simples cumprimento, e se comprazia em aprimorar seu talento rejeitado dedicando-me, pelas costas, expressões de escárnio e desdém. Meu sucesso incompreensível era atribuído à proteção de Pedro Vidal, à ignorância e estupidez dos nossos assinantes e ao disseminado e surrado paradigma nacional que decretava que alcançar certo reconhecimento em qualquer âmbito profissional era, sem exceções, prova irrefutável de incapacidade e falta de merecimento.

Diante daquela inesperada e abominável reviravolta dos acontecimentos, Vidal ainda tentava me animar, mas eu começava a suspeitar que meus dias na redação estavam contados.

— A inveja é a religião dos médiocres. Ela os reconforta, responde às angústias que os devoram por dentro. Em última análise, apodrece suas almas, permitindo

que justifiquem sua própria mesquinhez e cobiça, até o ponto de pensarem que são virtudes e que as portas do céu se abrirão para os infelizes como eles, que passam pela vida sem deixar outro rastro senão suas toscas tentativas de depreciar os demais, de excluir e, se possível, destruir quem, pelo mero fato de existir, coloca em evidência sua pobreza de espírito, de mente e de valores. Bem-aventurado aquele para quem os cretinos ladram, pois sua alma nunca lhes pertencerá.

— Amém — concordava dom Basílio. — Se você não tivesse nascido rico, poderia ser padre. Ou revolucionário. Com sermões assim, até o bispo se ajoelha arrependido.

— Certo, podem rir — eu protestava. — Mas sou eu que eles não querem ver nem pintado.

Mas afora o leque de inimizades e ciúmes que meus esforços me angariavam, a triste realidade é que, apesar de minhas glórias de autor popular, meu salário só dava para sobreviver, comprar mais livros do que teria tempo de ler e alugar um quatinho numa pensão escondida numa viela junto à rua Princesa, administrada por uma galega devota que respondia pelo nome de dona Carmen. Dona Carmen exigia discrição e mudava os lençóis uma vez por mês e, portanto, aconselhava aos residentes que se abstivessem de sucumbir às tentações do onanismo e de entrar na cama com roupas sujas. Não era necessário restringir a presença de mulheres nos quartos, porque não havia uma única mulher em toda Barcelona que concordasse em entrar naquele buraco, nem sob ameaça de morte. Lá aprendi que nessa vida quase tudo se esquece, a começar pelos cheiros, e que, se eu aspirava a alguma coisa nesse mundo, era não morrer num lugar como aquele. Nos momentos difíceis, que eram a maioria, dizia comigo mesmo que se alguma coisa podia me tirar de lá antes que um surto de tuberculose o fizesse, era a literatura, e se isso espicaçava a alma de certas pessoas, ou as vergonhas, por mim elas podiam ir para o quinto dos infernos.

Aos domingos, na hora da missa, quando dona Carmen partia para seu encontro semanal com o Altíssimo, os hóspedes aproveitavam para se reunir no quarto do mais velho de todos, um infeliz chamado Heliodoro que, quando jovem, teve aspirações de ser um grande toureiro, mas que só tinha chegado a comentarista e encarregado dos banheiros da praça Monumental.

— A arte de tourear morreu — proclamava. — Agora não passa de um negócio de donos de gado ambiciosos e toureiros sem alma. O público não sabe

distinguir entre tourear para uma massa ignorante e a tourada artística, que só os entendidos sabem apreciar.

— Ah, dom Heliodoro, se tivessem lhe dado uma oportunidade, a história seria outra.

— É que neste país só os incapazes têm vez.

— Nem me diga.

Depois do sermão semanal de dom Heliodoro, chegava a hora da festa. Amontoados como sardinhas junto à janelinha do quarto, os moradores podiam ver e ouvir através de uma clarabóia os ruídos de uma vizinha do prédio ao lado, Marujita, apelidada de Piquillo, por causa de seu vocabulário picante e de sua generosa anatomia em forma de pimentão. Marujita ganhava dinheiro fazendo faxina em estabelecimentos ordinários, mas dedicava domingos e festas a um namorado seminarista, que vinha de Manresa para a cidade de trem, incógnito, e se entregava com vontade e brio ao conhecimento do pecado. Estavam meus companheiros de alojamento espremidos na janela para captar uma visão fugaz das titânicas nádegas de Marujita em pleno vaivém, espalhadas como massa de bolo de Páscoa contra o vidro da clarabóia, quando a campainha da pensão tocou. Diante da falta de voluntários para responder, arriscando-me a perder um lugar com boa visão do espetáculo, desisti do meu esforço para fazer parte do coro e caminhei até a porta. Ao abrir, topei com uma visão insólita e improvável em circunstâncias tão miseráveis. Dom Pedro Vidal em todo o seu gênio, esplendor e terno de seda italiana sorria na entrada.

— Fez-se a luz — disse, entrando sem esperar convite.

Vidal parou para examinar o salão que fazia as vezes de refeitório e sala de visitas daquele buraco, e suspirou de desgosto.

— Acho que é melhor irmos para o meu quarto — sugeri.

Levei-o até os meus aposentos. Os gritos e aplausos de meus colegas em honra a Marujita e suas acrobacias eróticas enchiam as paredes de júbilo.

— Que lugar mais alegre — comentou Vidal.

— Faça o favor de passar à suite presidencial, dom Pedro — convidei.

Entramos e fechei a porta. Depois de uma sumarríssima olhada ao redor, sentou-se na única cadeira que havia e olhou-me com displicência. Não era difícil imaginar a impressão que meu modesto lar devia lhe causar.

— E então, o que acha?

— Encantador. Vou acabar me mudando para cá também.

Pedro Vidal vivia em Villa Helius, um monumental casarão modernista de três andares e terraço, recostado nas ladeiras que, do cruzamento das ruas Abadesa Olzet e Panamá, subiam pelo bairro de Pedralbes. A casa tinha sido

presente de seu pai há dez anos, com a esperança de que assentasse a cabeça e formasse uma família, projeto no qual Vidal já acumulava mais de uma década de atraso. A vida tinha abençoado dom Pedro Vidal com muitos talentos, entre eles o de decepcionar e ofender seu pai com cada gesto e cada passo que dava. Vê-lo confraternizando com indesejáveis como eu não ajudava. Lembro de uma vez em que visitei meu mentor para entregar uns papéis do jornal e tropecei com o patriarca do clã Vidal numa das salas da Villa Helius. Ao me ver, o pai de dom Pedro ordenou que fosse pegar um copo de água com gás e um pano limpo para limpar uma mancha em sua lapela.

— Creio que está me confundindo, senhor. Não sou empregado...

Lançou-me um sorriso que esclarecia a ordem das coisas no mundo sem necessidade de palavras.

— Quem está se confundindo é você, meu rapaz. É um empregado, mesmo que não saiba disso. Como se chama?

— David Martín, senhor.

O patriarca saboreou meu nome.

— Siga meu conselho, David Martín. Saia dessa casa e volte ao lugar a que pertence. Evitará muitos problemas, além de evitá-los para mim também.

Nunca confessei a dom Pedro, mas, imediatamente, saí correndo até a cozinha em busca da água e do pano e passei 15 minutos limpando o paletó do grande homem. A sombra do clã era enorme, e por mais que dom Pedro gostasse de afetar um ar de boemia, toda a sua vida era uma extensão da rede familiar. Convenientemente, a Villa Helius ficava situada a cinco minutos da grande mansão paterna, que dominava a parte superior da avenida Pearson, num amontoado suntuoso de balaustradas, escadarias e mansardas que contemplavam a cidade de Barcelona a distância, como uma criança contempla seus brinquedos caídos. Todo dia, uma expedição de dois empregados e uma cozinheira da casa grande, como a vizinhança costumava chamar a residência patriarcal, comparecia à Villa Helius para limpar, polir, passar, cozinhar e acolchoar a existência de meu abastado protetor em seu leito de comodidades e perpétuo esquecimento dos tediosos aborrecimentos da vida cotidiana. Dom Pedro Vidal deslocava-se pela cidade numa chamejante Hispano-Suíza conduzido pelo chofer da família, Manuel Sagnier, e provavelmente nunca tinha entrado num bonde em toda a sua vida. Como boa cria de palácio e estirpe, Vidal não conhecia o lúgubre e macilento encanto que tinham as pensões baratas na Barcelona da época.

— Não se reprima, dom Pedro.

— Esse lugar parece uma masmorra — proclamou finalmente. — Não sei como pode viver aqui.

— Com meu salário, a duras penas.

— Se for necessário, pago o que falta para que possa viver em um lugar que não cheire nem a enxofre nem a mijo.

— Nem pensar.

Vidal suspirou.

— Morreu de orgulho na mais absoluta asfixia. Aí está, um epitáfio grátis.

Por alguns instantes, Vidal perambulou pelo quarto sem abrir a boca, parando para inspecionar meu minúsculo armário, olhar pela janela com cara de nojo, apalpar a pintura esverdeada que cobria as paredes e bater suavemente com o indicador na lâmpada nua que pendia do teto, como se quisesse comprovar que a qualidade de tudo era mesmo ínfima.

— Mas o que o traz aqui, dom Pedro? Excesso de ar puro em Pedralbes?

— Não venho de casa. Venho do jornal.

— E então?

— Tinha curiosidade de ver onde vivia e, além do mais, tenho uma coisa para você.

Extraí um envelope de pergaminho branco da jaqueta e me entregou.

— Chegou hoje à redação, em seu nome.

Peguei o envelope e examinei. Estava fechado com um lacre que exibia o desenho de uma silhueta alada. Um anjo. À parte isso, tudo o que se via era meu nome lindamente escrito numa caligrafia escarlate de traço requintado.

— Quem é o remetente? — perguntei intrigado.

Vidal deu de ombros.

— Algum admirador. Ou admiradora. Não sei. Abra.

Abri o envelope e extraí uma folha dobrada na qual, na mesma caligrafia, lia-se o seguinte:

Querido amigo:

Tomei a liberdade de escrever para externar minha admiração e cumprimentá-lo pelo sucesso alcançado por Os Mistérios de Barcelona durante essa temporada, nas páginas de La Voz de la Industria. Como leitor e amante da boa literatura, é motivo de grande prazer encontrar uma nova voz transbordante de talento, juventude e promessa. Permita-me, portanto, como mostra de minha gratidão pelas boas horas que a leitura de seus contos me proporcionou, convidá-lo para uma pequena surpresa que espero que seja do seu agrado, esta noite, às 12h, em El Ensueño del Raval. Estarei esperando.

Afetuosamente,

A.C.